



## A NEGATIVIDADE RELIGIOSA NO PENSAMENTO DE GOETHE; E ALGUNS APONTAMENTOS DE SUA RELAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO NILISMO

Humberto Schubert Coelho \*

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

[humbertoschubert@yahoo.com.br](mailto:humbertoschubert@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este artigo visa apresentar através dos poemas *Prometeu* e *O Divino* o aspecto negativo e, até certo ponto, niilista da religiosidade de J. W. Goethe, na medida em que estes poemas inauguram marco histórico no pensamento religioso, contribuindo de maneira decisiva na formação do niilismo posterior, bem como em diversas concepções libertárias no âmbito teológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negatividade – Niilismo – Panteísmo – Homem

**ABSTRACT:** This essay aims at presenting the negative and, to a certain degree, nihilist aspects of goethean religiosity, through the poems *Prometheus* and *The Divine*, which inaugurate a historical mark in the libertarian religious thought, contributing decisively in the later nihilism formation, as well as many libertarian conceptions in theological field.

**KEYWORDS:** Negativity – Nihilism – Pantheism – Man

### CONTEXTO DA NEGATIVIDADE RELIGIOSA NO PENSAMENTO DE GOETHE

Neste artigo tomamos como marco teórico o aspecto “pessimista” da religiosidade de Goethe, expresso em poemas como *Prometeu* e *O divino*. A princípio pode parecer contraditório falar em pessimismo na obra de um autor reconhecidamente “ingênuo” (*naiv*) e otimista (na medida em que o mal se justifica teologicamente para o autor), mas no esquema dialético em que é forçoso compreender a religiosidade goetheana é evidente que se põe a questão negativa da desconstrução do imaginário

---

\* Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2007. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Brasileira, Metafísica e Filosofia da Religião.

religioso transcendentalista e de “certo niilismo” sugerido pela faceta mais crítica de seu naturalismo.

Estando entre as formas schellingueana e fichteana de panteísmo, Goethe sofreu inevitavelmente com as críticas de ateísmo das quais padeciam muitos pensadores e artistas da época. A forma de sua “religião da natureza”, fundada numa *handlungsphilosophie*<sup>1</sup> ou filosofia da ação, aproximava-o do subjetivismo de Fichte no momento em que este enfrentava as suas piores acusações de ateísmo inconfesso. Evitando o mesmo simplismo que a ortodoxia religiosa da época usou para abafar a revolução existencial do *Sturm und Drang* e do Idealismo nascentes, faz-se necessário analisar os elementos negativos da religiosidade goetheana apenas como fase negativa de um processo dialético maior. Assim que Korff define:

A era de Goethe é marcada por um conflito criador entre iluminismo e cristianismo, e funda-se na fermentação religiosa da época, mas seu espírito não é o de uma nova religião, mas o espírito de uma *religiosidade livre*, onde a idéia de *liberdade* em relação ao credo tem a mesma força que a idéia de *união*. Deste modo a sua forma não é a de uma religião inventada, mas antes de uma *busca* por uma espécie de visão de mundo religiosa, onde o espírito moderno possa encontrar a sua paz.<sup>2</sup>

Entendemos que o movimento negativo, de fortíssima afirmação da individualidade e do abandono do homem de qualquer instância transcendente, conforme apresentado nos poemas aqui expostos, é contrabalanceado pelo movimento de afirmação da Natureza em sua totalidade. Quanto à questão do pessimismo, é preciso deixar claro a sua referência à religiosidade pessoal. Os poemas destacados e outros trechos nas cartas e máximas deixam antever em Goethe um sentido trágico, muito evidente. Isso serve para alertar o leitor desavisado de Goethe de que o seu senso realista do mal e do sofrimento não permitem, de modo algum, uma interpretação simplista da poética e do pensamento do autor em geral. Quanto a isso atenta William James em seu **As variedades da experiência religiosa**, que surpreende inserindo Goethe no capítulo “Alma enferma” com esta citação:

Nada direi contra o curso de minha existência. No fundo, entretanto, nada mais foi do que uma sucessão de sofrimentos e trabalhos, e posso afirmar que em todo o transcorrer dos meus 75 anos, não tive sequer

<sup>1</sup> No sermão do Fausto: “No princípio era a ação...”. GOETHE, Johann Wolfgang von. **Faust**: Gesamtausgabe. Leipzig: Insel, 1887, p.169.

<sup>2</sup> KORFF, Hermann August. **Geist der Goethezeit**. Leipzig: Koehler & Amelang, 1954, p. 369. (IV Bänden).

quatro semanas de autêntico bem-estar. É sempre o perpétuo rolar de uma rocha que precisa ser erguida de novo, para todo o sempre.<sup>3</sup>

Neste trecho que James recorta daquele que considera um “otimista vitorioso”, está expresso um realismo condizente com o do cientista natural. Isso porque a religião de Goethe não subsiste num otimismo idealista, mas num otimismo realista. A Natureza é bela, harmoniosa e sagrada, responsável pelo sustento de todo o bem do desenvolvimento da vida, apesar de todo o sofrimento, atrito e aspectos trágicos de sua mesma ordem natural, sem a qual a sua dinâmica não se processaria.

Em oposição não apenas ao personalismo, mas ao próprio teísmo, a fria visão de uma Natureza que age indistintamente, por leis imutáveis e impessoais, decerto produz um mundo menos encantado, romântico, mas que deposita nas criaturas uma força e um vigor oriundos da responsabilidade de sobreviverem e crescerem por si próprias.

O argumento psicológico da religião já estava presente em toda a sua força no círculo de Weimar. Muito antes de Feuerbach, os poetas libertários (Goethe, Herder, Hamann e outros) interpretavam a “religião dos ídolos” de maneira histórico-crítica, como projeção antropomórfica, à maneira de Espinosa/Xenófanes, compreendendo a religião do Deus pessoal como um caminho reverso da verdadeira piedade.

Enquanto o sentimento aponta para o divino, a mente não cultivada quer representá-lo e concretizá-lo, de forma que jamais lhe corresponde dignamente. Surgem os deuses como esboço do poder criativo que o homem, desenvolvimento do Deus-natureza, pressente em si mesmo.

### **ESPECIFICIDADE DO NILISMO NO PROMETEU**

No Prometeu fica claro que o Zeus dos trágicos e o Pai do evangelho são imagens míticas, belas, mas que devem ficar no seu lugar, abaixo do homem, como seu produto poético e mítico.<sup>4</sup>

Na correspondência com Falk o caráter epistemológico desta concepção toma relevo:

---

<sup>3</sup> JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 94.

<sup>4</sup> HIRSCH, Emanuel. *Geschichte der neuern evangelischen Theologie*. Gutersloh: Bertelsmann, 1952, p. 260.

A nossa mão estão dispostos milhares de conhecimentos. Destes o primeiro, que nos distingue, é o conhecimento de nós mesmos; e deste partem os demais. Seriamente falando não podemos saber mais sobre Deus do que aquilo que me parece um círculo muitíssimo limitado de percepções sensíveis neste planeta, e isto é em todos os sentidos muito pouco.<sup>5</sup>

Vê-se claramente o conflito entre uma epistemologia de tipo kantiano, onde o conhecimento se acha limitado pela experiência sensorial, ao mesmo tempo em que o anseio romântico, ou melhor dito pré-romântico, pela completude de sentimento conduz o homem à um conhecimento intuitivo, embora não imediato, de Deus.

Assim como a ciência e a matemática, a religião, neste contexto, é um dueto de descoberta e invenção humana. Ela é percebida na natureza ou no fundo da alma, ao mesmo tempo em que uma linguagem simbólica surge para representar de modo compreensível sua dinâmica (realismo). A linguagem torna-a objetiva ao custo de um preço, normalmente pago com a redução da experiência religiosa ao nível de esclarecimento do seu sistematizador. Como os iluministas, Goethe, Herder, os Humboldt, Hamann e muitos outros pré-românticos do período se insurgiram contra a “cristalização” de algumas destas traduções sistemáticas da experiência religiosa, mas ao contrário daqueles os pré-românticos não queriam apenas uma racionalização da experiência religiosa, e sim a exploração de seu significado e peculiaridade.

Houve quem fizesse uma leitura marxista, feuerbachiana ou nietzscheana do *Prometeu*; Bloch notadamente,<sup>6</sup> embora se deva ressaltar que foi um dos poucos que o fez com consciência, mas pelo que se lê nos demais poemas fica claro que ele não é senão uma destruição inicial do velho que abre espaço para a construção do novo. Em meio a revolução social e política que se refletem na história das religiões apenas como efeitos colaterais é preciso destacar e redescobrir o *Prometeu*, poema que declara a liberdade metafísica do homem de forma tão intensa e original que pode ser “o poema mais revolucionário de todos os tempos... a luta do indivíduo por seu direito divino, que lhe foi tão negado pelo déspota universal do cristianismo, quanto os direitos políticos lhe foram negados pela nobreza absolutista”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> HOFMANN, Peter. **Goethes Theologie**. Paderborn: Schöningh, 2001, p. 461.

<sup>6</sup> BLOCH, Ernst. **Tübinger Einleitung in die Philosophie**. Frankfurt: Suhrkamp, 1996, p. 63-74.

<sup>7</sup> KORFF, Hermann August. **Geist der Goethezeit**. Leipzig: Koehler & Amelang, 1954, p. 273. (I Bänden)

Ele afirma a primazia do homem por si mesmo (em que Feuerbach e Nietzsche o aclamariam) para em seguida subjogá-lo ao “Um e Todo”.

Por agora nos cabe tão somente apontar estes poemas negativos da religiosidade goetheana, analisando a sua tentativa de desconstrução da mitologia cristã vigente, vejamos em que termos isso ocorre:

Prometeu.  
Protege o teu céu, Zeus  
Com um véu de nuvens  
E esforça-te, como o moço,  
Para ceifar os abrolhos  
E estar no cume das montanhas.  
Mas deixa-me intacta a minha Terra  
E minha choupana, que tu não construístes,  
E minha lareira  
de cujo calor  
Tu me negaste.

Nada conheço de mais pobre  
Sob o Sol, do que vós Deuses!  
Vós nutris preocupados  
De sacrifícios e rezas  
A Vossa majestade  
E não os teríeis se não fossem  
Crianças e Mendigos,  
Tolos cheios de esperança.

Quando era um menino  
e tudo ignorava  
volvía meus pasmos olhos  
para o Sol, como se no alto houvesse  
um ouvido, para minhas queixas escutar,  
Um coração como o meu  
Que se apiedasse do sofredor.

Quem me sustentou  
Contra o assédio dos titãs?  
Quem me salvou da morte,  
Da escravidão?  
Não há realizado tudo por ti mesmo,  
Santo, ardente coração meu?  
E ardes jovem e bom  
Enganado de gratidão  
Ao que dormia lá acima!

Eu honrar-te? Pelo quê?  
Aliviaste as dores  
Daqueles que te suplicam?  
Enxugaste as lágrimas  
Dos aflitos?  
Não me forjaram como homem



o tempo onipotente  
e o eterno destino,  
Meus senhores e os teus

Acaso deliras;  
Devia eu odiar a vida,  
fugir para o deserto,  
porque nem sempre alcancei  
A todos os meus sonhos?

Aqui sentado, modelo homens  
À minha imagem,  
Um gênero, que a mim se iguale,  
Para sofrer, chorar,  
Fruir e se alegrar  
E não mais te adorar  
Como eu!<sup>8</sup>

Para que se compreenda adequadamente o fundo teórico do poema, é preciso destacar que o próprio Goethe não o entende em termos teóricos, mas poéticos, isto é, metaforicamente, e que o Prometeu não é, de modo algum, substituto dos deuses, mas seu “assassino”. Vejamos por partes o que exatamente isso significa.

Em primeiro lugar encontramos em **Poesia e Verdade** uma explicação sucinta do caráter poético do Prometeu.

Embora se possa tirar daí observações filosóficas e até religiosas ele pertence inteiramente ao campo da poesia. O titã é a película do politeísmo como o diabo é a película do monoteísmo. No entanto este último e seu Deus único não são figuras poéticas... É belo na poesia que os homens não sejam criados pelos seres superiores, mas sim por figuras intermediárias ou até secundárias, que, no entanto, não são irrelevantes.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Gedichte**: Gesamtausgabe. Leipzig: Insel, 1992, p. 161.: “Bedecke deinen Himmel Zeus/ Mit Wolkendunst/ Und übe, dem Knaben gleich,/ Der Disteln köpft,/ An Eichen dich und Bergeshöhn!/ Musst mir meine Erde/ Doch lassen stehn/ Und meine Hütte, die du nicht gebaut,/ Und meinen Herd,/ Um dessen Glut/ Du mich beneidest./ Ich kenne nichts Ärmeres/ Unter der Sonn als euch, Götter!/ Ihr nähret kümmerlich/ Von Opfersteuern/ Und Gebetshauch/ Eure Majestät/ Und darbtet, wären/ Nicht Kinder und Bettler/ Hoffnungsvolle Toren./ Da ich ein Kind war,/ Nicht wusste, wo aus noch ein,/ Kehrt ich mein verirrtes Auge/ Zur Sonne, las wenn drüber wär/ Ein Ohr, zu hören meine Klage,/ Ein Herz wie meins,/ Sich des Bedrängten zu erbarmen./ Wer half mir/ Wider der Titanen Übermut?/ Wer rettete vom Tode mich,/ Von Sklaverei?/ Hast du nicht alles selbst vollendet,/ Heilig glühend Herz?/ Und glühtest jung und gut,/ Betrogen, Rettungsdank/ Dem Schlafenden da droben?/ Ich dich ehren? Wofür?/ Hast du die Schmerzen gelindert/ Je des Beladenen?/ Hast du die Tränen gestillet/ Je des Geängsteten?/ Hat nicht mich zum Manne geschmiedet/ Die allmächtige Zeit/ Und das ewige Schicksal,/ Meine Herrn und deine?/ Wähntest du etwa,/ Ich sollte das Leben hassen,/ In Wüsten fliehen/ Weil nicht alle/ Blüenträume reiften?/ Hier sitz ich, forme Menschen/ Nach meinem Bilde,/ Ein Geschlecht, das mir gleich sei,/ Zu leiden, zu weinen,/ Zu geniessen und zu freuen sich,/ Und dein nicht zu achten,/ Wie ich!”.

<sup>9</sup> Id. **Dichtung und Wahrheit**. Stuttgart: Reclam, 2002, p. 180.

Está claro que Goethe, ao menos na poesia, é adepto de um pluralismo teológico. Ele quer representar a multiplicidade das forças em jogo, num universo dinâmico e vivo, rico de possibilidades poéticas.

Na metáfora os deuses são o princípio ordenador que tenta enquadrar o universo em um esquema. Os titãs são o seu oposto, o elemento de conflito e pura arbitrariedade, de romantismo; seu simbolismo é menos religioso do que cosmológico, mas nos interessa aqui porque, como se sabe, a religião de Goethe é sua cosmologia e ontologia. O Prometeu faz apologia a um aspecto primitivo e fundamental da humanidade, sua pura espontaneidade, sua imprevisibilidade que a torna naturalmente inimiga dos deuses.

O que há de especial no Prometeu (a figura mitológica, não o poema) em relação aos outros titãs é que ele se arrisca, não por poder ou audácia contra os deuses, mas por um desejo de experimentar o mundo e “criar uma raça a sua semelhança, para sofrer e chorar, fruir e se alegrar”, e tão dedicado é o seu patrocínio que ele não apenas dá a inteligência e a linguagem às suas criaturas, mas rouba o próprio fogo dos deuses (ciência) para eles. Tal independência é defendida em **Poesia e Verdade** como a libertação psicológica do domínio exterior: “Deus, se estamos nas alturas, é tudo; se estamos abaixo, é um suplemento de nossas misérias”.<sup>10</sup>

Os deuses, ordenadores do mundo, ditadores do invisível, fazem, para Goethe, o que os médicos fazem na vida pessoal. Tiram a coragem de viver e experimentar as coisas por si mesmo. Segundo Goethe o seu talento poético só se desenvolveu quando ele pôde dizer “médicos, cuidem de si mesmos... Eu ando meus passos sozinho”,<sup>11</sup> entendendo aqui que os médicos são todos os elementos externos de coerção do comportamento. Tivesse Goethe uma religiosidade mais ortodoxa, como a da formação de Nietzsche, o seu brado seria também contra os sacerdotes.

Está fora de dúvida que **Prometeu** foi escrito como um posicionamento libertário frente a um contexto histórico, mas ele tem um fundo mais complexo do que a afirmação da liberdade criativa, e isso se torna mais fácil de ver no seguinte trecho:

E os mais atrevidos de sua espécie, Tântalus, Íxion, Sísifo, eram os meus santos. Assumidos na sociedade dos deuses, não queriam se submeter completamente, como temerários convidados, se fizeram

---

<sup>10</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Maximen und Reflexionen**. Leipzig: Insel, 1976, p. 155. n. 813.

<sup>11</sup> Id. **Dichtung und Wahrheit**. Stuttgart: Reclam, 2002, p. 179.



mercedores da ira vaidosa de seus anfitriões, sendo banidos terrivelmente.<sup>12</sup>

Assim o contraponto desta ousada independência é uma impotência diante das forças maiores. Rebele-se para viver espontaneamente, corte os laços com toda a determinação externa de deuses ou médicos, o homem sempre se verá limitado pelas forças que não controla e que o superam a todo o momento. Pudessem ele negociar com estas forças, teria ainda esperanças teístas, mas diante do conceito plenamente desmaterializado de Deus a única alternativa é sustentar um conflito digno da individualidade independente contra as forças desconhecidas do destino.

Segundo Hermann Timm estas características fazem do **Prometeu** a tradução poética do espinosismo: “Chamou-se o Prometeu de poema mais revolucionário da literatura mundial. Revolução do deus-homem contra a idéia de uma divindade déspota universal...”<sup>13</sup>

Numa linguagem ainda mais direta, Korff expressa desta maneira a significação histórico-teológica do **Prometeu**: “É assim que Prometeu fala ao Deus todo poderoso da Igreja, símbolo da fraqueza e da opressão do indivíduo”.<sup>14</sup> Deste Deus o homem livre da era moderna não precisa mais. Pode matá-lo sem remorso, e com isso presta-se grande serviço à religião dos gênios.

### RETOMADA DA IMANÊNCIA PARA AS ALTURAS

Outro ponto relevante nesta compreensão da negatividade religiosa de Goethe é do esquema ontoteológico da “visão de mundo” goetheana, onde se inserem todos os poemas e romances. No esquema da divindade imanente que é o Deus-natureza, o elemento mais desenvolvido e, portanto, que melhor representa a essência divina é o *homem*. A ele cabe a veneração ao mais elevado, e também por isso a sua liberdade e suas virtudes são defendidos de modo entusiástico.

Embora esta situação possa ser altamente positiva do ponto de vista de um humanismo (“Não há realizado tudo por ti mesmo, santo, ardente coração meu?”), ela

---

<sup>12</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Dichtung und Wahrheit**. Stuttgart: Reclam, 2002, p. 181.

<sup>13</sup> TIMM, Hermann. **Gott und die Freiheit**: Studien zur Religionsphilosophie der Goethezeit. Frankfurt: Klostermann, 1974, p. 189. (I Bänden)

<sup>14</sup> KORFF, Hermann August. **Geist der Goethezeit**. Leipzig: Koehler & Amelang, 1954, p. 274-275. (I Bänden)



não deixa de ser trágica e negativa do ponto de vista religioso. Este abandono tão niilista, visto separadamente, projetou o **Prometeu** entre círculos inusitados para o próprio Goethe. No século seguinte, a esquerda hegeliana, diversos materialistas e fisicalistas o citariam divorciado das demais obras de Goethe, produzindo uma leitura atéia que não lhe correspondia. Muitos outros poemas podem ser desvirtuados, quando lidos fora do contexto da obra e do pensamento do autor, e parte deste problema deriva do fato de que Goethe, como os demais gênios alemães, possuía uma confiança muito grande na clareza de sua mensagem e em seu propósito geral para cogitar que alguns de seus fragmentos fossem tomados de maneira tão segmentada do todo de sua obra.

Mas, antes de concluirmos a posição deste elemento negativo da religiosidade goetheana, vejamos um outro trabalho destacado neste sentido, **O divino**:

O Divino.  
Honrado seja o homem  
Generoso e bom,  
Pois somente isso  
O diferencia  
De todos os seres  
Que conhecemos.

Glória aos desconhecidos,  
Elevados seres  
Que pressentimos!  
A eles se iguala o homem  
Seu exemplo nos ensina  
A crê-los.

Pois insensível  
É a Natureza:  
O Sol brilha  
Sobre maus e bons,  
E aos bandidos  
Resplandecem como para os melhores  
A Lua e as estrelas...

Ante eternas, nobres,  
Elevadas leis,  
Temos todos de  
Completar o círculo  
De nossa existência.

Somente o homem  
É capaz do impossível:  
Ele diferencia,  
Impera e julga;  
Ele pode ao instante  
Emprestar a duração.



A ele somente é permitido  
Recompensar o bom,  
Condenar o mau,  
Curar e salvar,  
Todo o errante, oscilante,  
De forma útil unificar.

E nós adoramos aos imortais,  
Como se homens fossem.,  
E fizessem a grande,  
O que excelente em pequeno,  
Faz e anseia.

O nobre homem  
É solícito e bom!  
Incansavelmente produz ele  
O útil, o correto,  
Ele é nosso exemplo  
Dos seres a que aspiramos.<sup>15</sup>

Mais ainda que o **Prometeu, O divino** é a expressão mais acabada do imanentismo goetheano. Aqui é menos o abandono e mais a excelência e a grandiosidade do homem que são exaltados, a própria negatividade converte-se em positividade, o divino desce do céu imaginário e habita o interior do homem. Se podemos nos permitir à analogia, **Prometeu** é o apogeu do niilismo ativo, já **O Divino** é a sua superação e a reentrada na religiosidade através da humanidade.

Há uma preocupação teológica em esvaziar ao máximo todo o culto aos ídolos, entidades abstratas ou produtos da imaginação em função dos quais o verdadeiro objeto de culto por excelência, o homem, foi desprezado. Não que os espíritos ou anjos não tenham lugar no imaginário religioso, mas a idéia deles, produto do homem, acabou tomando lugar do próprio homem na *hierarquia dos símbolos* a ponto de mesmo os filósofos muitas vezes os assumirem em seus sistemas sem a preocupação de notar que

---

<sup>15</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. **Gedichte**: Gesamtausgabe. Leipzig: Insel, 1992, p. 270.: “Edel sei der Mensch,/ Hilfreich und gut!/ Denn das allein/ Unterscheidet ihn/ Von allen Wesen,/ Die wir kennen./ Heil den unbekanntem/ Höhern Wesen,/ Die wir ahnen!/ Ihnen gleiche der Mensch:/ Sein Beispiel lehrt uns/ Jene glauben./ Denn unführend/ Ist der Natur:/ Es leuchtet die Sonne/ Über böse und Gute./ Und dem Verbrecher/ Glänzen wie dem Besten/ Der Mond und die Sterne./... Nach ewigen, ehren,/ Grossen Gesetzen/ Müssen wir alle/ Unseres daseins/ Kreise vollenden./ Nur allein der Mensch/ Vermag das Unmögliche:/ Er unterscheidet,/ Wählet und richtet;/ Er kann dem Augenblick/ Dauer verleihen./ Er allein darf/ Den Guten lohnen,/ Den Bösen strafen,/ Heilen und retten,/ Alles Irrende, Schweifende/ Nützlich verbinden./ Und wir verehren/ Die Unsterblichen,/ Als wären sie Menschen./ Täten im Grossen,/ Was der Beste im Kleinen/ Tut oder möchte./ Der edle Mensch/ Sei hilfreich und gut!/ Unermüdet schaff er/ Das Nützliche, Rechte,/ Sei uns ein Vorbild/ Jener geahneten Wesen!”.

todas as virtudes, toda a nobreza, toda a operosidade dos seres ideais promanava sempre dos atributos que conhecemos *in concreto* nos seres reais que somos. Esta crítica não é também a de Comte, Feuerbach ou de qualquer espécie de concepção materialista ou antropocêntrica. A filosofia de Goethe não é, definitivamente, nem uma nem outra. O homem tem seu lugar de destaque na medida em que, como filho e expressão mais perfeita da Natureza, manifesta-se como divino. Trata-se de não permitir que figuras de um “outro mundo” tomem a posição de destaque que ele tem neste mundo, *o único mundo*.

Muito longe de representar uma irreligiosidade, o pensamento de Goethe reflete o progresso de concepções cada vez mais universalistas que se desenvolvem desde a mística da Reforma até o idealismo e a teologia especulativa do século XIX.<sup>16</sup>

O segundo e o último parágrafos sintetizam bem este conceito ao operarem a inversão de prioridade teórica entre homem e os ídolos. Em ambos os parágrafos, os ídolos são colocados em função do homem, e este é o exemplo daqueles, seu fundamento e modelo.

Mais importante ainda: se no **Prometeu** o homem é absolutamente independente quanto a sua ação, que não tem mais parâmetro senão ele mesmo em sua pura espontaneidade, em **O Divino** destaca-se a absoluta independência ética, de modo que ao homem cabe a esfera de governo e julgamento de seus pares (novamente o tema é a liberação moral presente no romantismo e na **handlungsphilosophie**).

O abandono existencial que em **Prometeu** se traduz como solidão, torna-se uma questão social em **O Divino**, na medida em que este ressalta para a liberdade de organização entre os homens em face da ausência de impositivos externos a esta relação. Nos versos “*Somente o homem é capaz do impossível: ele diferencia, impera e julga...*” “*A ele somente é permitido, recompensar o bom, condenar o mau...*” há uma instância afirmativa que não está presente em *Prometeu*. Lá só existe a pura negação do outro na esfera ética: aqui, há uma afirmação de que a responsabilidade do indivíduo se estende para a esfera moral, produzindo um amálgama de tolerância e responsabilidade

---

<sup>16</sup> Ao menos um trabalho pode ser indicado como referência aos elementos comuns entre as concepções de Goethe e da mística reformista. Em **Erläuterungen und Dokumente. Faust**, a equipe de Ulrich Gaier dissecou as metáforas de “Fausto” apontando repetidamente para Böhme, Paracelso, Swedenborg, a Bíblia, a mitologia grega e a Cabala, e sustentando que estas fontes possuem uma influência mais determinante que a dos filósofos da época na formação da religiosidade goetheana.

que confrontava diretamente a moral ortodoxa, mas que ao mesmo tempo soava moralista para os intelectuais.<sup>17</sup>

Em ambos os poemas a imanência do divino possui uma concretude desconcertante. Não por acaso produziram as maiores comoções no ambiente cultural da época. Seja entendendo-os separadamente, por conveniência, como suporte de um ateísmo cada vez mais difundido na época, seja entendendo-os corretamente como uma variável de um esquema maior no pensamento do autor, o aspecto negativo destes e de outros trabalhos de Goethe constituem elemento que não pode ser ignorado em prol de uma leitura superficial de sua religiosidade.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>17</sup> LANGE, Erhard; DIETRICH, Alexander. **Philosophen Lexikon**. Berlin: Dietz Verlag, 1982, p. 149.